



Boletim Informativo ABCOC

Órgão Oficial de Divulgação da Associação
Brasileira dos Criadores de Ovinos Crioulos

Ano 1, Número 2 Dezembro 2002

Editorial – Com satisfação, apresentamos o segundo número de nosso Boletim Informativo. Agradecemos as palavras de incentivo que temos recebido pela iniciativa em publicá-lo, oriundas de diversas autoridades, ovinocultores (muitos não sócios da ABCOC) e simpatizantes da ovelha crioula.

Inicialmente, neste número, pesquisadoras da EMBRAPA-Pecuária Sul disponibilizam um protocolo sobre o tingimento de lã com corante naturais. Eduardo A. Bernhard, que foi nosso “homenageado do ano”, pela participação efetiva na realização do I Concurso Estadual de Artesanato em Lã e Pele Ovinas, apresenta um balanço deste evento na Expoiner 2002. Amandio Bueno, o criador e guardião de nossa logomarca e do selo de qualidade, faz a descrição da origem destes, apresentando as normas para o uso do selo. No artigo de encerramento, são fornecidos dados inéditos, com base em fontes históricas primárias, comprovando que a participação da Ovelha Crioula em exposições-feiras, com premiação, remonta aos primórdios de tais eventos no Estado.

Gostaríamos também de informar que decidimos por publicar, em retrospectiva, no primeiro número do Boletim (abril), os resultados das participações de ovinos crioulos nas exposições de cada ano. Tal coluna estará a cargo de Luiz Christian Potter, que solicita o envio das informações correspondentes.

Em adiantamento, convidamos para participar de nossas atividades na XIX FEOVELHA, Pinheiro Machado, no final de janeiro p.v., repetindo assim o sucesso que tivemos naquele evento em 2002 (favor aguardar programação correspondente, com Dia de Campo em conjunto).

Aproveitamos a oportunidade para desejar a todos um FELIZ NATAL e PRÓSPERO 2003!

Diretoria ABCOC

ABCOC – Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos Crioulos

DIRETORIA (2002-2003)

Presidente: Gilson R. P. Moreira;

Vice-Presidente: Volnei Merino;

Secretário: Clara M.S.L. Vaz;

Tesoureiro: Amandio Bueno;

Conselho Técnico: Clara M.S.L. Vaz, Marcelo Cecim, Otacílio S. da Motta;

Conselho Fiscal: João A. Bronzatto, Luis. L. Burmeister, Vicente Izquierdo Rujas;

Departamento Sócio-Cultural: João Brasil Fernandes, Volnei Merino, Luis Christian Potter;

Departamento de Divulgação: Marcelo Cecim, Amandio Bueno, Gilson R.P. Moreira

Boletim Informativo ABCOC

Com circulação entre os sócios da ABCOC, publica informações pertinentes à Ovelha Crioula. Artigos assinados pelos autores são de responsabilidade desses. Periodicidade: quadrimestral. Tiragem: 100 exemplares. Disponível também na Home Page da ABCOC.

Editores: Marcelo Cecim, Amandio Bueno, Cristine e Gilson Moreira (responsáveis)

Endereço p/correspondência:

Rua Rio Pardo, 409
Porto Alegre, RS 90520-430

Fones: (51)33627297 e
99117210

Email: gilson.moreira@ufrgs.br

Home page:
www.ovelhacrioula.hpg.com.br

Tingimento de lã com corantes vegetais passo a passo

Clara M.S.L. Vaz¹,
Ana Maria G. Dieiro¹,
Rosângela Alves²

Introdução: A lã e outras fibras podem ser tingidas em cores atrativas com pigmentos de plantas, extraídos em casa, aproveitando a infraestrutura da cozinha e as horas vagas. Desse modo, muitas cores delicadas podem ser obtidas da natureza, como tons de limão, ouro, bege, rosa, marrom, verde, laranja e púrpura. O resultado é compensador, pois os corantes comerciais apresentam custo elevado e coloração artificial, resultando muitas vezes em tons extravagantes. Além disso, os pigmentos naturais não agredem o meio ambiente; ao contrário, as sobras constituem matéria orgânica que retornarão ao solo, sem risco de poluição.

Neste processo, a criatividade é o limite da ação. O curioso pode tingir meadas de lã Crioula Branca, no mesmo recipiente, com lã Crioula Preta, de cor grisalha, resultando em fios diferentes, tingidos num mesmo tom, em que um deles estará enriquecido pela cor natural da raça, resultando em produto final inédito.

¹Pesquisadora e ²Técnica de Nível Superior da EMBRAPA Pecuária Sul

Material necessário: Panela em aço inoxidável, fonte calorífica, partes de vegetais - 900 gramas, mordente e lã crua fiada - 450 gramas.

Preparo da planta: 1) *madeira e casca* - quebrar ou cortar em pequenos pedaços (ou utilizar serragem e biruta), cobrir com água por 24 horas e ferver em fogo brando por 2 a 5 horas. 2) *flôres* - esmagar as pétalas e ferver, por pouco tempo; 3) *folhas* - cortar e ferver, por uma hora. Adicionar uma pequena quantidade de alúmen, para abreviar a separação do corante; 4) *grãos, peles e bagas* - colocar de molho, embalados em sacos de algodão e ferver. Esmagar os grãos para abreviar a operação; 5) *líquens* - cortar ou moer. Colocar de molho durante um dia e ferver; 6) *algas* - deixar em molho por dois dias e ferver em fogo brando por várias horas.

Após, em cada caso, coar a solução com camadas de gaze, algodão ou material similar.

Preparo do corante: 1) pesar a parte escolhida da planta (aproximadamente o dobro do peso de lã fiada, limpa e seca); 2) colocar o material vegetal em água fria para ferver em fogo brando, até a obtenção da cor

desejada; 3) preparar o corante na forma concentrada (900 gr em 2 litros de água, com diluição antes do uso) ou, em solução diluída, pronta para uso (900 gr/7 litros de água);

Preparo da lã (fiada, limpa e seca): 1) pesar o novelo e enrolar o fio em meadas; 2) amarrar as meadas, frouxamente, em três ou mais pontos; 3) umedecer a meada de lã.

Preparo do mordente: pesar e diluir o produto escolhido: a) alúmen (sulfato de alumínio potássico) - 85 g (aproximadamente 19 % do peso da lã) e 28 g de cremor de tártaro (6 %), em 7 litros de água (quantidade mínima), para obtenção de tons claros; b) cobre (sulfato de cobre) - 7 a 14g (1,5 a 3 %) de sulfato de cobre em 7 litros de água fria, ou 7g (1,5 %) de sulfato de cobre e 28g (6 %) de cremor de tártaro, em um pouco de água quente e completar 7 litros de água fria, para obtenção de tons escuros.

Tingidura: submergir a meada na solução do mordente, durante duas horas, sendo uma hora sob fervura lenta e a outra, em repouso até esfriar; 2) submergir a meada do "chá" sob fogo brando, por aproximadamente

uma hora; 3) desligar o fogo e aguardar o resfriamento; 4) enxaguar em água morna, até a limpeza total; 5) comprimir suavemente a meada, para remoção do excesso de água; 6) secar à sombra.

Teste de desbotamento: A resistência ao desbotamento deve ser testada antes do uso da lã. Um teste simples consiste em deixar uma amostra de lã, recém-tingida (padrão) no escuro e três amostras expostas no varal, por até três semanas; a cada semana uma amostra será recolhida. A padrão será comparada com as restantes, para determinar o grau de resistência do pigmento. Elaborar uma ficha de "Identificação do Corante". Nesta, deve constar o nome da planta, parte utilizada, data da colheita, além de 4 orifícios, onde as amostras do teste de desbotamento serão amarradas.

Aspectos sobre os pigmentos naturais: Registrar as informações sobre os corantes na ficha de identificação é muito importante, pois existe uma ampla variedade de plantas que podem ser usadas. O grau de cor varia com a parte

da planta usada, estação do ano, mordente, tempo de exposição a este, de fervura, lavagem, etc. Detalhes de cada procedimento, incluindo nome da planta, devem ser anotados com uma amostra de lã tingida. Isso permitirá "repetir um tom similar" no futuro, pois duas soluções nunca serão iguais quimicamente, resultando em diferentes tonalidades. O material para tingidura natural pode ser seco à sombra e armazenado por muito tempo, desde que prevenidos de danos causados por insetos e fungos. Para não correr riscos, os recipientes usados para corantes não devem ser reutilizados para outros fins.

Dicas adicionais: 1) a solução não deve ser fervida intensamente; uma longa fervura lenta, em fogo brando, dá uma cor profunda; 2) para evitar manchas, amarrar frouxamente a meada; a água deve ser suficiente para que as fibras fiquem submersas, flutuando, sem contato com o fundo ou laterais da panela; 3) algumas plantas não requerem mordentes para a fixação de pigmentos, como por exemplo, os líquens, cascas de nozes e eucaliptos; 4) para assegurar um acabamento uniforme, tingir a lã na quantida-

de necessária, numa porção única; 5) excesso de sabão e mudanças bruscas de temperatura são condições para que a lã torne-se quebradiça, sem brilho e áspera; 7) excesso de alúmen causa o endurecimento da lã e, em alguns casos, pode torná-la pegajosa; 8) evitar o uso de panelas em alumínio, ferro ou cobre, pois durante a fervura liberam partículas desses metais, alterando a cor do produto final.

tendo como patrocinadores o Sistema FARSUL/SENAR, a Fundação Gaúcha do Trabalho e Assistência Social e a Lanobrasil e, como apoiadores, a COO-PARIGS (Cooperativa dos artesãos do Rio Grande do Sul), a ARCO (Associações Brasileiras de Criadores de Ovinos), a EMATER e a EMBRAPA.

O concurso teve como objetivos principais: a) promover o uso artesanal da lã e pele ovinas, utilizando processos que levem em conta a preservação ambiental e cultura de nossos antepassados; b) incentivar a qualidade e respectiva valorização destes; c) premiar trabalhos e artesãos que demonstrem qualidade e habilidade na manufatura da lã e da pele ovinas. Participaram 34 artesãos, de 16 municípios do estado, apresentando 126 peças, entre variadas técnicas, nas quatro modalidades julgadas: Fiação, Tecelagem, Peles e Técnicas Livres. Os trabalhos apresentados passaram por duas seletivas, uma admissão prévia, pela Comissão Organizadora, ava-

1º CONCURSO DE ARTESANATO EM LÃ E PELE OVINAS

Eduardo Amato Bernhard

As Associações Brasileiras de Criadores de ovinos Border Leicester, Crioulos, Karakul e Merino Australiano realizaram nos dias 28 a 30 de agosto, durante a EXPOINTER 2002, o I Concurso Estadual de Artesanato em Lã e Pele Ovinas. A realização do evento, inédito em nosso Estado, foi possível através de uma grande parceria, que envolveu diversas instituições dos setores da ovinocultura e do artesanato,

liando se as mesmas encontravam-se dentro dos padrões estabelecidos no regulamento, e o julgamento de classificação, que contou com artesãs experientes e reconhecidas em nosso estado. Na modalidade tecelagem as peças foram avaliadas pela professora Maria Rita Webster e a artesã Vera Junqueira; na Fiação as professoras Shirlei Lopes, da Casa do Artesão e Luciana Viana, do SENAR; e, nas Técnicas Livres, a Professora Marta Saldanha e a artesã Sônia Möller. A modalidade Peles contou com a Consultora em Curtimento, Maria de Lourdes Molarinho Velly, de São Paulo.

Todos os produtos julgados foram confeccionados com lã ou pele ovina, utilizando processos exclusivamente artesanais, sem a utilização de produtos químicos poluentes.

Foram premiados os 1º e 2º lugares em cada categoria, além de um prêmio de originalidade e outro de criatividade. A entrega das premiações ocorreu no dia 30 de agosto, na pista de ovinos, com a presença de várias autoridades e participantes.

Já está sendo programada a segunda edição do evento para o próximo ano, que será

acrescido de mais modalidades e outras alterações, em discussão, com vistas a sua maior valorização.

PREMIAÇÕES

FIAÇÃO:

- 1º Prêmio: CLAIR SCHNEID
VAZ – Bagé;
2º Prêmio: ADIVITE DE NOVAIS
DE LATORRE – Porto Alegre;

TECELAGEM:

- 1º Prêmio: ERNESTINA
LEANDRO – Bagé;
2º Prêmio: RICARDA SOARES
COLLARES – Mostardas;

TÉCNICAS LIVRES:

- 1º Prêmio: MARTA ZACCARIAS
– Porto Alegre;
2º Prêmio: STELA BEATRIZ
GAZZANEO – Porto Alegre;

PELES:

- 1º Prêmio: SANDRA ELISA VAZ
TIMM RUFINO – Dom Pedrito;
2º Prêmio: IADER ALEXANDRE
DA SILVA MORAES – Nova
Santa Rita;

CRIATIVIDADE:

- ANA LUIZA ZAMBRANO
WAGECK – Porto Alegre;

ORIGINALIDADE:

- ENI MARINHO DA ROSA -
Alvorada

Logomarca e Selo de Qualidade

Amandio Bueno

A logomarca da Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos Crioulos está alicerçada num espécime da raça, ora em questão. A partir de fotos de vários animais nos mais diversos ângulos, foi-se estilizando e dando forma ao produto final correspondente. Devido às várias nuances de cores destes animais, a opção de cor foi pelo marrom, por ser um tom neutro e também predominante na espécie. Ainda, por ser de fácil visualização, tendo a possibilidade de combinar com uma variedade muito grande de cores, quando de sua utilização e que por certo colocará em evidência nossa associação.

Na idéia inicial, as linhas eram mais puras, sugerindo um animal caminhando, que procurava retratar o crescimento pretendido pela associação, a qual começou com um pequeno grupo de criadores. Em plenária destes (ATA nº 5), foram aprovadas modificações significativas do desenho inicial, e formalizou-

se o usado atualmente.

É uma marca dinâmica, a ser utilizada para identificarmos, bem como à ovelha crioula em si e seus produtos, como por exemplo nosso próprio Selo de Qualidade (exemplo no final).

A seguir, transcrevemos a Resolução nº 1, aprovada em 12/10/2002, Santa Maria (ATA nº 11), que regulamenta o credenciamento de artigos de artesanato, pela ABCOC:

Art. 1º - Sendo de uso voluntário, o Selo de Qualidade ABCOC tem por objetivo valorizar os produtos da Ovelha Crioula, através de seleção com base na origem e qualidade destes;

I – Os selos serão individuais, numerados, adesivos e invioláveis;

Art. 2º - Somente os Sócios da ABCOC, em dia com a sua anuidade, terão direito ao uso destes;

Art. 3º - O credenciamento das peças de artesanato será feito somente em dias de campo da ABCOC, com a presença do proprietário;

I – O credenciamento de uma dada peça deverá ser aprovado por pelo menos dois técnicos

credenciados pela ABCOC, também presentes no dia de campo em questão;

II – Um técnico credenciado para tal não poderá credenciar suas próprias peças de artesanato;

Art. 4º - Os técnicos aptos para o credenciamento serão indicados e aprovados em reunião ordinária da ABCOC, tendo renovação a cada 2 anos;

I – Para o biênio 2003/4, atuaram como credenciadores: Clara Vaz, Maria Helena Fernandes, Marcelo Cecim, Isabel Merino e Gilson Moreira, conforme ATA nº 10;

Art. 5º - Os credenciamentos serão registrados em Livro Específico, contendo: número do selo, data, breve descrição da peça - incluindo técnica utilizada, proprietário, nome e assinatura dos credenciadores;

I – O julgamento terá caráter subjetivo, a critério de cada técnico, devendo primar pela originalidade (ser produto da ovelha crioula), integridade (ser completo), uniformidade (manutenção do padrão em toda a sua extensão), limpeza (desprovido de manchas, fragmentos orgânicos, etc) e ausência

de defeitos (furos, cortes, rompimentos, etc, em excesso);

II – A rejeição de uma dada peça terá caráter irrevogável;

III – Os casos omissos serão julgados pelos técnicos credenciados;

Art. 6º - O Selo terá um custo unitário, estipulado pela Diretoria da ABCOC;

I – Para o biênio 2002/3, terão valor de R\$ 0,50, R\$1,00 ou R\$2,00, proporcional ao valor da peça, a julgar pelo técnico;

Art. 7º - Este regulamento entrará em vigor imediatamente após sua aprovação em reunião da ABCOC, devendo ser revisto após um ano de vigência.



PARTICIPAÇÕES HISTÓRICAS DA OVELHA CRIOLA EM EXPOSIÇÕES

Gilson R.P. Moreira

Ao contrário do que possamos imaginar, a presença da Raça Ovina Criola em exposições oficiais do Estado, embora inexpressiva, é antiga. Ela foi a única representante da espécie a ser premiada na “1ª Exposição Estadual”, realizada em Porto Alegre, no “Campo da Varzea de Paulo Gama / Escola de Engenharia”, em 1901: *“Na Secção b – Animaes Ovinos; Entraram em concurso sómente dois carneiros creoulos, dos quaes foi julgado digno de uma menção honrosa um carneiro pertencente ao Sr. Gustavo Seiler”*¹⁰.

Tal fato não deveria surpreender-nos, já que supostamente nos séculos XVIII e XIX, os ovinos crioulos constituíam quase que a totalidade dos rebanhos existentes no Rio Grande do Sul, e ainda predominavam numericamente naqueles do início do século passado¹. Porém, é importante salientar que as exposições agropecuárias no Estado foram desencadeadas pelo surgimento em Pelotas, em 1898, da atuante e inovadora Sociedade Agrícola-Pastoril do Rio Grande do Sul, que realizou a primeira exposição no ano de 1899. Em paralelo, nessa época, com o incentivo e mesmo intermediação desta⁷, promoveu-se a importação de reprodutores bovinos e ovinos, as quais seriam expandidas de forma expressiva e dependente, nas décadas seguintes¹⁵. Somente nos anos de 1940-49, tivemos pelo menos 43.881 reprodutores ovinos importados no estado⁵. No início do século XX, estes pertenciam a raças tidas como “melhoradoras de nossos rebanhos crioulos”; no caso da ovelha, principalmente em relação às características quanti- e qualitativas da lã, bem como à produção de carne (ex., Merino, Romney Marsh, Lincoln e Southdown).

Dessa forma, a evolução das exposições-feiras confunde-se com a transformação da bovinocultura e ovinocultura gaúcha, caracterizada em parte pela ascensão das raças não autóctones, em detrimento das raças crioulas. Desde os primórdios, as pri-

meiras tomaram a dianteira na participação nestes eventos, incluindo aqueles de carácter regional que foram surgindo, os quais tiveram importante papel no próprio fomento dessas. Assim, ao longo do século XX, a participação da Ovelha Crioula permaneceu esporádica e inexpressiva nas nossas exposições agropecuárias. Quando presente, poderia mesmo ser submetida a julgamento em uma “categoria especial”, como na Exposição de Tupanciretã, em 1929, onde foi proferida uma Menção Honrosa “*Ao melhor Ovino creoulo da Região Serrana – A um do expositor sr. Cyrino Lopes*”⁴.

As informações disponíveis dessa época sugerem que a “exclusão natural” da raça em nossas exposições deu-se rapidamente, contribuindo para tal o desinteresse dos ovinocultores para com ela, associada à menor importância representada pela ovinocultura em si. Assim, na 1ª Exposição de Pelotas, em 1899, não havia especificação de raça ovina no regulamento, os quais poderiam ser inscritos na “9ª Secção – *Carneiros pastores ou lotes de um carneiro e tres ovelhas; 3 premios*”⁶, mas esta “... *foi suprimida por falta de inscrição*”². Na segunda versão, em 1900, tal condição foi mantida (= “17ª Secção”)⁸, porém não encontramos referências quanto a participação de ovinos crioulos, sendo agraciados com o 1º e 2º prêmios, respectivamente “... *um lote de ovelhas mestiças, Lincoln-merino, pertencente ao Sr. major Alfredo Augusto Braga, Estancia da Graça*” e “... *um lote de ovelhas merinas do Dr. Edmundo Berchon dês Essarts, Passo das Pedras*”⁹. Entretanto, já na 3ª edição, em 1902, estipulam-se as raças ovinas no regulamento, não havendo menção à crioula, cujas secções de números 25 a 27, restringiam-se respectivamente aos carneiros “... *de lâ fina (Merino); ... de lâ de mecha, para córte (Lincoln, Romney Marsh, etc); ... de lâ cerrada, para córte (Cara negra)*”¹¹. Nesta, houve premiações apenas para as duas primeiras secções, sendo que nela também uma das partes mais fracas dentre os animais foi a de ovinos, “... *em que diminuta foi a concurrencia*”¹². Certamente, adicionar-se-ia a tais fatos a postura enviesada por parte de alguns dos técnicos envolvidos no setor, a qual já era existente naquela época. Assim, sobre o resultado da 1ª Exposição Estadual, onde conforme já mencionado, havia sido unicamente digno de premio

um carneiro crioulo, registra-se o comentário de um dos mais destacados profissionais da área: “A *secção de ovinos foi pauperrima e notamos, como digno de menção, apenas um bonito lote de Southdowns (cara negra), que chegaram tarde para entrar em concurso*”³.

Com o resgate e início do processo de reconhecimento oficial^{13, 14}, a raça voltou a participar das exposições no ano de 2000, na qualidade de convidada, já que os primeiros animais foram tatuados como RGBbase. Nesse ano, salientam-se as participações da Embrapa - Pecuária Sul, na 1ª Expoutono (3 animais), em Santo Ângelo, e na Expointer (8 animais). A seguir, nas exposições de primavera desse ano, registram-se as participações das Cabanhas Atala na 40ª Exposição Agropecuária de Encruzilhada do Sul (3 animais) e Sobrado Branco, na 33ª Exposição Agropecuária de Canguçu (2 animais). A raça estreou oficialmente, com seus primeiros produtos RGB₁ (borregos e borregas dente-de-leite), e assim com direito a julgamento e premiação de fato, somente na Expointer de 2001, com a participação da Embrapa/Bagé (2 animais), e das Cabanhas Santa Anália/Bagé (4 animais) e Sobrado Branco/Canguçu (6 animais).

Cabe salientar que os eventos agropecuários posteriores à 1ª Exposição Estadual de 1901, realizada em Porto Alegre, na Várzea (atual Parque da Redenção), seriam transferidos para o Parque das Exposições situado na Av. 13 de maio, mais tarde denominado Getúlio Vargas. Foram também realizados em anos posteriores (1937-49) em municípios alternados, no interior do Estado, na qualidade de Exposições Estaduais de Animais e Produtos Derivados⁵. Finalmente, em 1972, nossa exposição maior era transferida para o Parque Assis Brasil, em Esteio, vindo a se constituir na Exposição Internacional de Animais (Expointer) de hoje. Assim, exatamente 100 anos depois, em 2001, no centenário do evento na qual foi pioneira, contribuindo com o primeiro carneiro a ser individualmente premiado no RS, a Ovelha Crioula conquistaria oficialmente seu espaço em nossas exposições, seja:

a) pelas positivas avaliações zootécnica e sanitária de admissão,

efetuadas pelas autoridades competentes (ARCO e Secretaria da Agricultura/RS); b) pelo respectivo julgamento e premiação, à semelhança e igual mérito das demais raças ovinas; c) pela totalidade de vendas, em leilão, dos dez exemplares consignados; d) pelo elevado apreço do público em geral, largamente divulgado na imprensa.

-
- ¹HERVÉ, E. 1922. Pecuária-Agricultura: Ensino de Agronomia e Veterinária. p.27-40. In: Costa, A.R (ed.) O Rio Grande do Sul. Vol.1, Porto Alegre, Globo.
- ²MINNSEN, G. 1899. Os animais reprodutores na Exposição Agrícola de Pelotas. R. Agric. Rio G. Sul 2: 147-153.
- ³----- 1901. Exposição estadual. R. Agric. Rio G. Sul 4: 137-140.
- ⁴PAZ, A.F.; PIMENTEL, F.; PEREIRA, M.S.; KRUEL, E.; CORRÊA, J. & FREITAS, P.D.G. 1929. Tupaceretan: Exposição-Feira e Congresso Regional de Criadores. R. Agric. Rio G. Sul 12: 126-133.
- ⁵PIMENTEL, F. 1950. Breve histórico das Exposições Rurais no Rio Grande do Sul. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio /RS, Secção de Informações e Publicidade Agrícola, Porto Alegre. 32p.
- ⁶SOCIEDADE AGRÍCOLA-PASTORIL. 1898. Regulamento da Exposição Agrícola a realizar-se em Pelotas em 21 de Abril de 1899. R. Agric. Rio G. Sul 2: 85-88.
- ⁷-----, 1899. Noticiário – Carneiros reprodutores. R. Agric. Rio G. Sul 2: 109-110.
- ⁸-----, 1899. Regulamento da 2ª. Exposição Annual a realizar-se em Pelotas em 24 de fevereiro de 1900. R. Agric. Rio G. Sul 3: 52-56.
- ⁹-----, 1900. Exposição Agrícola: Resultado do julgamento dos produtos apresentados na Exposição de 24 de fevereiro. R. Agric. Rio G. Sul 3: 118-122.
- ¹⁰-----, 1901. Exposição Estadual: Julgamentos e Prêmios. R. Agric. Rio G. Sul 4: 153-156.
- ¹¹-----, 1901. Regulamento da 3ª. Exposição Annual a realizar-se em Pelotas em 20 de Abril de 1902. R. Agric. Rio G. Sul 5: 51-55.
- ¹²-----, 1902. Exposição Agrícola. R. Agric. Rio G. Sul 5: 147-159.
- ¹³VAZ, C.M.S. 2000. Morfologia e aptidão da ovelha crioula lanada. EMBRAPA Pecuária Sul, Bagé. 20p. (Documentos, 22)
- ¹⁴VAZ, C.M.S.; MEDEIROS, F.P. & MOREIRA, G.R.P. 2002. Padrão Racial da Ovelha Crioula. Bol. Inf. ABCOC 1: 2-5.
- ¹⁵VIEIRA, J.A.N. 1949. A influência do importado na criação de ovinos. Agros 2: 241-248.